



Mário Faustino (1930/1962)

Um dos vinte filhos de Francisco dos Santos e Silva e Celsa Veras e Silva, MARIO FAUSTINO dos Santos e Silva nasceu em Teresina a 22 de outubro de 1930. Fez o curso primário na Escola Pública Artur Pedreira, revelando uma inteligência aduçada e muita facilidade para aprender. Depoimentos de familiares dão conta de que Mário despertou muito cedo para a leitura - e chegava a brincar de escritor.

Em 1940, muda-se para Belém e, aos dezesseis anos entra para o jornal **A Província do Pará**. Mais tarde vai dirigir a redação da **Folha do Norte**, onde organiza um suplemento literário. Neste suplemento, Mário publica seus primeiros poemas, contos e traduções.

Interrompeu o curso de Direito no terceiro ano ("por falta de interesse") e, em 1951, consegue uma bolsa de "Língua e Literatura Inglesa". Vai para os EUA, frequentando o Pomona College, na Califórnia. Continua sua carreira jornalística, estagiando no **Los Angeles Mirror**.

De volta ao Brasil, publica seu único livro em vida, em 1955 - "O Homem e Sua Hora". Muda-se para o Rio de Janeiro em 1956, indo trabalhar na Fundação Getúlio Vargas. De 1956 a 1959, exerce intensa atividade intelectual, dirigindo a página "Poesia-Experiência", no **Jornal do Brasil**. Ensaios, poemas, traduções, polémica. Mário fustiga a inteligência nacional e incita a produção poética, mostrando e criticando.

Em fins de 1959, Mário retorna aos EUA, para trabalhar na ONU. De volta ao Brasil, em junho de 1962, Mário reintegra-se no **Jornal do Brasil** e torna-se também editor da **Tribuna da Imprensa**.

No dia 27 de novembro de 1962, embarca num boeing da Varig que faria o percurso Rio-Los Angeles. Nas imediações de Lima, no Peru, o avião espatifa-se no Cerro de La Cruz, perto das ruínas de Pachacamac.



À PROCURA DE SENTIDO EM
MÁRIO FAUSTINO

SINTAXE E LEITURA

Sérgio Sapucahy
Mestre em Teoria Literária
Professor da UNAMA e da UEPA





Estava lá Aquiles, que abraçava

Estava lá Aquiles, que abraçava
Enfim Heitor, secreto personagem
Do sonho que na tenda o torturava;
Estava lá Saul, tendo por pajem David,
Que ao som da cítara cantava;
E estava lá seteiros que pensavam
Sebastião e as chagas que o mataram.
Nesse jardim, quantos as mãos deixavam
Levar aos lábios que os atraçoaram!
Era a cidade exata, aberta, clara:
Estava lá o arcanjo incendiado
Sentado aos pés de quem desafiara.
E estava lá um deus crucificado
Beijando uma vez mais o enforcado.

Mário Faustino. *Os Melhores Poemas.*

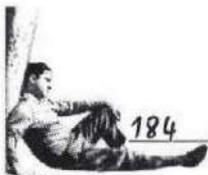
1. Justificando

Este é mais um exercício analítico a que vimos nos dedicando em nossas aulas, com o objetivo da valorização do conhecimento gramatical, sobretudo o morfossintático, nesses tempos em que docentes e discentes, por vezes, questionam sua necessidade. Para desenvolvê-lo, retomamos as lições de Maria Luiza Ramos em *Fenomenologia da Obra Poética*, sobre a integração dos estratos ótico, fônico, morfossintático e retórico na construção dos poemas. Associamo-las àquelas, inesquecíveis, de Albeniza de Carvalho e Chaves, em um curso de Estilística, nos anos setenta quando, por meio do soneto “Estava lá Aquiles, que abraçava”, ocorreu nosso primeiro contato com a obra poética de Mário Faustino.

Para isso, submetemos o texto selecionado a uma leitura analítica a partir do estrato morfossintático com a expectativa da revelação de sentidos que enriquecem ainda mais sua plurissignificação.

2. O Estrato Morfossintático

Assim apresentado, na seqüência ininterrupta de seus quatorze versos, o soneto se deixa ler com mais extensão e profun-

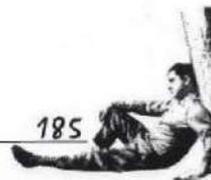
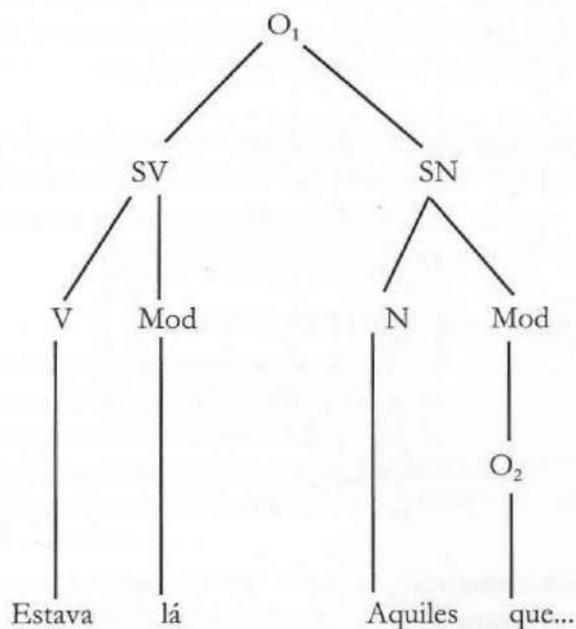


didade, evidenciando sua camada sintática. Focalizando nela o nosso olhar, após a leitura de contato, podemos encontrar a primeira grande unidade de sentido do poema, desenvolvida nos sete primeiros versos, interrompida pela intercalação da segunda grande unidade, do oitavo ao décimo verso, e prosseguindo até o derradeiro: a união dos contrários e o espaço ideal.

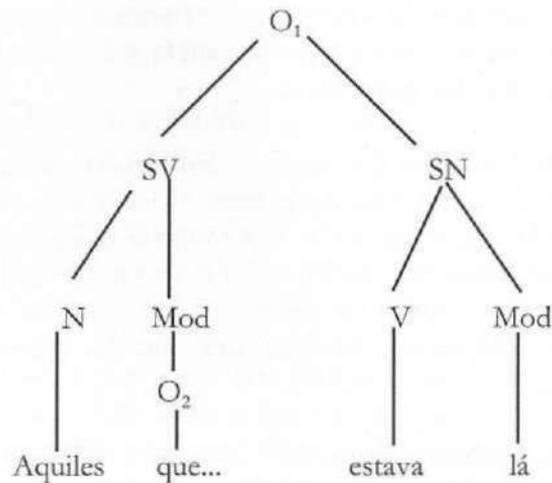
Essa ‘fôrma’ sintática que acolhe e harmoniza os contrários (Aquiles/ Heitor /, Saul / David; Seteiros / Sebastião, Lúcifer / Deus; Jesus / Judas), ora explícitos ora metaforizados, molda-se com notável paralelismo sintático, a partir do enunciado que se manifesta no título, inicia o primeiro verso e se retoma anaforicamente quatro vezes, uma para cada um dos pares-personagem do poema.

O poeta que afirmara ser a
 “Vida toda linguagem
 frase perfeita sempre, talvez verso,
 geralmente sem qualquer adjetivo,
 coluna sem ornamento, geralmente partida.(...)”

não pode prescindir da adjetivação para a especificação de cada um dos pares eleitos por ele. Por isso a ‘fôrma’ se faz e se refaz com a precisão das formas paralelas, a repetir a mesma estrutura em que se destaca a topicalização do verbo predicador na oração matricial: “Estava lá **Áquiles, que**”. Pode-se visualizar a estrutura



cujo conhecimento sintático do leitor recupera, imediatamente, como ordem direta:



Esse mesmo conhecimento permite fruir da adjetivação analítica, desenvolvida como em "...que abraçava..., ...que na tenda o torturava..."; reduzida como em "...tendo por pajem David..., ...Beijando uma vez mais o enforcado."

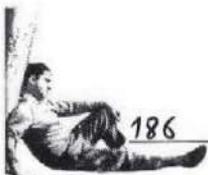
A 'fôrma' se revela como precisa arquitetura sintática, constituída de períodos com estrutura regularíssima, manifestada por meio de períodos coordenados justapostos, separados quase sempre pela pausa mista do ponto e vírgula, para não interromper, de todo, o fluxo da leitura. Essa 'forma' é manifestação da face clássica da poética de Mário Faustino, estrutura necessária à harmonia entre os contrários que o poema e o poeta desejam.

Mas a primeira unidade de sentido evidenciada por essa leitura não se restringe à apresentação dos contrários. Ela também propõe, desde o início do poema, o elo com o espaço ideal, a segunda unidade: "**Estava lá...**"

Como nos ensina AZEREDO, 2000:

"... há boas razões para considerar que há apenas um verbo estar (intransitivo), e que as diferenças convencionalmente estabelecidas não dizem respeito ao verbo, mas ao constituinte que o complementa."

Com essa concepção, o verbo '**estar**' significa, e muito, no poema. Todos **estavam** lá. Topicalizado, de pronto modificado pela forma adverbial, flexionado no passado inconcluso, ele se torna a porta de entrada para as camadas significativas mais profundas do texto. "**Estava lá**" não só traduz a localização dos pares-personagens como também sinaliza para o feito de colocá-los lá: um desejo do eu-lírico narrador.



Nota-se que o advérbio pronominal 'lá' aparentemente situa as personagens distante do eu-narrador e do tu-narratário (leitor), ambos ficcionais. Entretanto, esse mesmo 'lá' instaura o jogo da interlocução dentro e fora do texto. Conduz o leitor ao desejo também do poeta, ou seja, da relação ficcional narrador / narratário à histórica, autor / leitor.

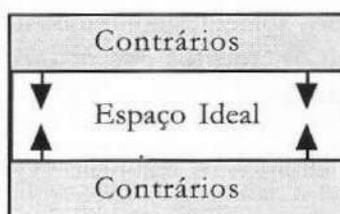
Aberta a porta, encaminhamo-nos a uma re-leitura da segunda grande unidade de sentido:

“(...) Nesse jardim, quantos as mãos deixavam
Levar aos lábios que os atraíçoaram.
Era a cidade exata, aberta, clara: (...)”

O 'lá' se explicita: jardim, cidade. Sintaticamente, dois períodos, um complexo e um simples. O primeiro, analítico, vale-se ainda de recursos mais elaborados como a topicalização do modificador adverbial. Recurso preciso, porque esse é o tema do qual, nesse momento, o poema quer falar: jardim, espaço privilegiado. O sujeito, “quantos”, quantificador genérico, apenas reitera a explicitação anterior (Aquiles, Heitor, seteiros...), ao mesmo tempo que amplia a possibilidade numérica da população desse paraíso sonhado pelo eu-narrador: 'quantos', uma multidão, talvez. Mas a subordinação adjetiva destaca o antagonismo histórico: “...que os atraíçoara”.

E o jardim se torna um macrocosmo: “Era a cidade exata, aberta, clara.” O espaço ideal se configura na síntese, depois de ter sido desvelado pelo eu-narrador. A adjetivação ternária define-o: exata, aberta, clara. Precisão, liberdade, transparência.

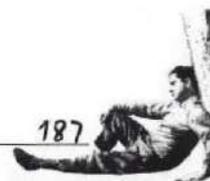
A 'fôrma' sintática, por meio da qual lemos o poema até aqui, pode ser vista numa conclusiva configuração geométrica:



A figura nos permite visualizar os contrários convergindo para o espaço ideal: jardim, cidade, um éden que só a ficção possibilita ao eu-narrador.

3. O Estrato Semântico

É importante ressaltar, mesmo sob o risco da redundância, que o texto é tecido de muitas tramas e separar uma ou outra somente se justifica quando a finalidade é destacar de que modo elas concorrem para a construção de sentidos. Em se tratando de textos literários, a maior participação dessa ou daquela, posta em relevo,



gera preciosos efeitos de sentido. Cabe também reiterar que o ato de ler será tanto ou mais proficiente quanto mais extensos forem os conhecimentos lingüísticos e de mundo, concretizadores da leitura.

Isso posto, observemos como o estrato semântico preenche a 'fôrma' sintática já apreciada na sua construção clássica, harmoniosa, geométrica.

Como leitor, impomo-nos, então, o desafio de encontrar o(s) sentido(s) maior(es) latentes nas camadas profundas do poema.

No caso específico de "Estava lá Aquiles, que abraçava", pertencente ao conjunto "Sete Sonetos de Amor e Morte", é momento de recordar o já referido primeiro contato com o obra do poeta piauiense / paraense. Estávamos em 1978, em uma das salas de aula da UFPA. Mestra Albeniza propõe àquela primeira turma da Pós-Graduação Lato Sensu do Curso de Letras o desafio de apontar o tema do soneto. Após leituras de contato e reflexão, as respostas choeram: Perdão, Amor, Reconciliação, Contraste, Paraíso... Todas recusadas pela mestra, ainda que conferisse a elas a categoria de subtemas.

Néscio, desconhecia as pesquisas de Albeniza Chaves sobre a obra de Mário Faustino. Além de néscio, leitor ingênuo.

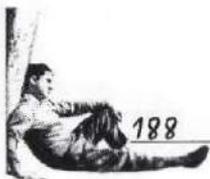
Leiamos, agora, a partir dos recursos sintáticos levantados: paralelismo sintático, com a insistente retomada anafórica, construtor da primeira unidade de sentido – os contrários; adjetivação oracional analítica e sintética; topicalização do predicador; intercalação da segunda unidade de sentido – o espaço ideal, a receber os contrários e a iluminar todo o poema.

Evidente a união dos aparentes contrários no espaço edênico. Focalizemos esses contrários, sujeitos dos enunciados. Ódio e inveja construíram suas relações.

Por que, então, o eu-lírico os reconcilia? Que traços têm em comum?

As respostas a essas indagações remetem a uma interpretação, algo freudiana, da íntima relação entre ódio e inveja, e da fragilíssima fronteira entre o ódio e o amor. Só se odeia e se quer destruir aquilo que, inconscientemente, se deseja. Beleza, virilidade, grandeza são objetos de desejo presentes na relação histórica entre os componentes de cada um dos pares-personagem. Mesmo os seteiros, legionários romanos, viris como Sebastião, encantam-se com a quase impossível união entre beleza e virilidade do Santo Cristão indiferente ao sofrimento.

É preciso reconciliá-los. O poeta o faz, rompendo a barrei-



ra que separa o amor do ódio (“E estava lá um deus crucificado / Beijando uma vez mais o enforcado”). Historicamente, o beijo-traição de Judas se transforma no beijo-perdão de Jesus.

E por que os reconcilia? Talvez fosse suficiente como resposta, a beleza plástica verbalizada no poema por meio das personagens. Exemplo disso a metáfora do “**arcanjo incendiado**”. Mas pode-se ir além, apropriando-se do conhecimento de Benedito Nunes, contemporâneo, amigo e crítico da obra de Mário Faustino. O filósofo e crítico literário acentua a visão heraclitiana de mundo do poeta:

“Tudo que é contrário se concilia e
das coisas mais diferentes nasce a mais
bela harmonia, pois tudo se engendra
por via de contrastes. Melhor é a
harmonia oculta do que a aparente (Nunes, 1966)”

A união dos contrários no espaço ideal concebido pelo poeta se dá, evidentemente, pelo amor. Mas um amor singular, interiorizado / negado, para cuja realização plena somente restava o espaço utópico. “... a cidade exata, clara, aberta.” Esse amor singular emerge das camadas profundas de “**Estava lá Aquiles que abraçava**” assim como em “**O mundo que venci deu-me um amor.**”

“(...) Amor feito de insulto e pranto e riso,
Amor que força as portas dos internos,
Amor que galga o cume ao paraíso.
Amor que dorme e treme. Que desperta
E torna contra mim, e me devora
E me ruma em cantos de vitória...”

O amor singular, ou o “**amor que não ousa dizer seu nome**” é o amor entre os iguais que, pelas veredas da poesia, une os iguais e o eu-ficcional no espaço do poema, também este exato, claro, aberto.

Conclui-se a leitura desenvolvida com a ilusória separação entre forma e conteúdo e com a pretensão de afirmar, nesses tempos de tantas inquietações lingüísticas, a relevância do conhecimento gramatical para o enriquecimento do conhecimento de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

CHAVES, Albeniza de Carvalho e: *Tradição e Modernidade em Mário Faustino*. Belém, GEU – UFPA, 1986.

FAUSTINO, Mário. *Os Melhores Poemas*. São Paulo, Global. s/d.

NUNES, Benedito. Introdução. In. *Poesia de Mário Faustino*. 1966, pp. 8 e 9.

